

“Estagflação” persiste, diz Maílson

São Paulo — O ex-ministro da Fazenda Maílson da Nóbrega não tem a menor dúvida ao dizer que o Brasil vive um quadro de estagflação que não pode ser revertido a curto prazo.

A espera de uma resposta exclusiva, o **CORREIO BRAZILIENSE** lembrou a ele que as empresas acusadas de ter altos lucros e garantir estoques especulativos — o que empurrava a inflação para o alto — já desovaram seus estoques e muitas hoje até operam no vermelho. Então, o que há de errado?

Maílson acredita que “não há nada de errado”. Explica. “A estagflação é produzida pela incapacidade que o Governo tem de obter reformas estruturais, que fazem parte da sua política. Não é um problema da equipe econômica. O Governo não reúne a maioria para as reformas estruturais e tem hoje, como seu único instrumento, os superávites no Tesouro Nacional. Há um trabalho competente do Ministério da Economia, de contenção dos gastos e de exercício da política monetária de juros altos. Tudo isso tem implicações sobre as empresas. Eu acho que o quadro é de permanência de um processo de estagflação muito grave”.

Ainda na faixa da exclusividade, Maílson da Nóbrega comenta



Maílson: BC prisioneiro da TR

as pressões dirigidas contra o ministro da Economia, Marciilio Marques Moreira: “Olha, eu não vejo razões para o ministro sair. Ele está fazendo um trabalho ao seu alcance, lutando com dificuldades institucionais, com restrições ditadas pelo processo orçamentário e os problemas trazidos pela Constituição. Ele tem feito o melhor de si, nas circunstâncias. Dispõe de uma boa equipe e de credibilidade. Se não forem dados a ele os instrumentos adequados dificilmente ele terá condições de estabilizar o País, como é seu intento, seu desejo. E isso

não está na sua área, mas na área política”.

“Quais são os principais instrumentos?”

“Basicamente, ele tem que dispor de uma reforma fiscal.

A Constituição de 1988 tornou o País ingovernável, liquidou as finanças da União e retirou qualquer possibilidade de exercício de uma política econômica voltada para os objetivos da estabilização. Sem reforma fiscal não há estabilização neste País.

Sem choque — O ex-ministro da Fazenda diz que “é remota” a possibilidade de um choque econômico. “A equipe econômica não vai querer tomar atitudes que possam parecer políticas. O Presidente não tem força para trocar a equipe apenas para causar um choque econômico. Isso também seria rejeitado pelo Congresso, que veria aí uma atitude nitidamente política”.

Maílson lembra que o Banco Central é prisioneiro da TR, que dita taxas de juros “altas, absurdas e desnecessárias”. Ele prega uma revisão “corajosa” do mecanismo da TR, herdado da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello. “Se a TR não for modificada, aumentam as despesas do Tesouro e são impostas dificuldades às empresas privadas”.